

REVISÃO DE ARTIGO CIENTÍFICO NA PERSPECTIVA DIALÓGICA

Joelma Rodrigues Felipe (UERN)
jojo.rodrigues.st@hotmail.com
Risoleide Rosa Freire de Oliveira (UERN)
risoleiderosa@gmail.com

Introdução

Este artigo tem como objetivo mostrar que a prática de revisão sob uma perspectiva dialógica é uma atividade fundamental na escrita de artigos científicos. Para tanto, é necessário termos bastante clareza do que seja essa perspectiva, porque, para a perspectiva tradicional, revisar consiste em apenas corrigir um texto após sua produção, para identificar os erros, na maioria das vezes de ordem gramatical, conforme afirma Oliveira (2010, p. 17), “a revisão é vista como uma etapa subsequente à produção escrita, [...] com o objetivo principal de corrigir o texto e detectar transgressões nas convenções da norma culta”. No entanto, a revisão pode assumir outros papéis dentro das práticas de escritura, não sendo apenas uma mera “correção” dos elementos estruturais. Ela também pode dar conta dos aspectos discursivos do texto, ou seja, analisar, “nos enunciados, a concatenação das ideias, as relações de sentido, o endereçamento do texto, a alternância dos sujeitos do discurso” (OLIVEIRA, 2010, p. 138). Desse modo, Oliveira propõe que a revisão seja subsidiada pela perspectiva bakhtiniana de linguagem, que centra “a atenção sobre as práticas discursivas, ou seja, sobre a língua em sua integridade concreta e viva” (FARACO, 2001, p. 8).

É nessa perspectiva dialógica que investigamos como ocorre o processo de revisão de artigos científicos de professores do ensino superior, procurando atender os seguintes objetivos: identificar como se manifestam no texto as vozes do(s) autor(es) e as vozes alheias e como elas se relacionam, verificar se o texto em construção está de acordo com o gênero artigo quanto ao conteúdo temático, à forma composicional e ao estilo. Para tanto, baseamo-nos na concepção dialógica de linguagem e na teoria dos gêneros do discurso do Círculo de Bakhtin (1990, 2003) e na concepção de revisão de textos de Oliveira (2006, 2009, 2010). Para a constituição dos dados, utilizamos de técnicas como “conversas informais” com os autores (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p. 161), com o objetivo de conseguir, nesses contatos iniciais, a adesão deles para o estudo e conhecer as concepções teórico-metodológicas que permeiam seus saberes e fazeres, além de entrevista *online*, revisão de seus artigos científicos e encontro com eles para dialogarmos sobre algumas mudanças do texto.

Salientamos que optamos por focalizar neste estudo o artigo científico porque ele se configura, hoje, um importante e complexo gênero da esfera acadêmico-científica, devido às cobranças do mundo contemporâneo. Constitui-se em um gênero escrito por meio do qual indivíduo e grupos interagem verbalmente, mesmo estando em situações espaçotemporais diferentes, o que demonstra a importância da escrita, a qual, como tão bem afirma Bazerman (2006, p. 11), “fornece-nos os meios pelos quais alcançamos outros através do tempo e do espaço, para compartilhar nossos pensamentos, para interagir, para influenciar e para cooperar”.

1. Da busca dos colaboradores à constituição dos dados

Ao iniciarmos nossa pesquisa, fomos à procura daqueles que poderiam ser os colaboradores do estudo, autores de artigos científicos dos cursos de História, Letras, Economia e Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, no Campus Avançado Prefeito Walter de Sá Leitão (CAWSL), em Açu-RN, ou seja, todos os professores do ensino superior que compõem o campus. Inicialmente, por meio de conversas informais, três professores de um departamento se dispuseram a participar, e ficamos aguardando a adesão dos professores dos demais departamentos. Como o tempo passava, entremeadado por uma longa greve, e não recebíamos os artigos, enviamos e-mail aos departamentos para serem repassados aos interessados. Diante desse contexto de pouca produção, este artigo se restringe à análise de dados obtidos de uma única colaboradora, a qual se disponibilizou em nos ceder um de seus artigos para que o tomássemos como objeto de estudo, respondendo também a nossos questionamentos em relação à sua prática de revisão de textos, suas preocupações, inquietudes etc. Propusemos que esses questionamentos fossem enviados *online*, pois acreditamos que dessa forma os colaboradores ficariam mais a vontade para nos responder. Os questionamentos remetidos são os seguintes¹:

1. Sabendo-se que a escritura de um artigo científico é bastante complexa, gostaríamos que discorresse acerca dos aspectos com os quais você se preocupa mais ao revisar seus artigos a serem publicados em revistas e/ou anais de eventos acadêmicos: os de ordem discursiva ou os de ordem estrutural ? Ou ambos?
2. Além dos aspectos acima, você gostaria de destacar outros problemas relacionados com o processo de escritura e revisão de seus textos? Quais?

Ressaltamos que consideramos de suma importância o posicionamento dos autores em relação aos próprios textos, na abordagem qualitativa e interpretativa de pesquisa adotada, porque, como afirma Bakhtin (2003, p. 319) “Nós não perguntamos à natureza e ela não nos responde. Colocamos as perguntas para nós mesmos e de certo modo organizamos a observação ou a experiência para obtermos a resposta”. Nesse sentido, esses aspectos no processo de investigação são fundamentais porque, conforme justifica Freitas (2003, p. 26), “Ao assumir o caráter histórico-cultural do objeto de estudo e do próprio conhecimento como uma construção que se realiza entre sujeitos, essa abordagem consegue opor aos limites estreitos da objetividade uma visão humana”. Como veremos na transcrição e na análise dos dados constituídos, a experiência e a interação entre os sujeitos são fundamentais na construção de um artigo científico, além, é claro, do próprio desenvolvimento desta pesquisa, pois sem a participação da autora ela não seria concretizada.

2. Revisão na perspectiva de uma experiente autora

Conforme apresentado, observamos o posicionamento da autora em relação ao processo de escrita e revisão de seus textos, inclusive suas reflexões sobre as próprias práticas, tomando como base metodológica a perspectiva da pesquisa de natureza qualitativa e interpretativista, haja vista ela possibilitar que os múltiplos significados

¹ Extraídos do *corpus* do projeto institucional intitulado *O processo de revisão do gênero artigo científico: dos aspectos discursivos aos composicionais*, coordenado pela professora Risoleide Rosa Freire de Oliveira, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

advindos dos dados, constituídos em situações concretas, sejam passíveis de interpretação. Ou seja, podemos criar uma relação mais participativa entre sujeitos, a qual proporciona ao pesquisador e pesquisados a reflexão, a compreensão e a troca de experiências, o que só é possível porque a investigação é realizada por “pessoas em ação em uma determinada prática social sobre esta mesma prática, em que os resultados são continuamente incorporados ao processo de pesquisa” (MOITA LOPES, 1996, p. 185).

Isso pode ser observado claramente nas respostas da autora aos questionamentos feitos: ela é bastante objetiva e relata sua experiência com a escrita com espontaneidade, demonstrando também seus receios e preocupações em relação à produção de textos. É o que nos revela quando diz:

Inicialmente, produzo os textos despreocupada. Vou só escrevendo e escrevendo. Durante essa escrita, logicamente preciso ler e reler o que faço, mas essa leitura e as releituras, sempre me conduzem a observar se as ideias estão relacionadas, se há clareza e objetividade no discurso, se a teoria está respaldando a análise. Bem, ao fechar as referências, se der tempo, procuro me afastar um período do texto. Ou melhor, passo um tempo sem pegar nele, sem ler, sem mexer. Depois, retomo e vou fazer as correções discursivas e estruturais. Discursivamente, acho melhor que alguém me diga algo, levante dúvidas, sugira. Começo a perceber lacunas e surge a necessidade de refazer o texto. Estruturalmente, quando começam a surgir as dúvidas recorro a gramáticas, dicionários, etc.

A autora nos mostra em suas reflexões um quesito que vale ser ressaltado dentro do processo de revisão de textos, que é a preocupação para que o outro possa analisar seu texto, dar palpites, sugestões e sugerir possíveis adequações. “Isso porque a leitura, assim como a escritura, é um evento social: ler e escrever são formas de interação que envolvem sujeitos ativos” (OLIVEIRA, 2007, p. 49). Para a colaboradora da pesquisa, essas sugestões são sempre bem-vindas:

No geral, peço a um ou mais de meus colegas docentes para corrigirem para mim. Inclusive, também peço a ajuda de meus orientandos da pesquisa. Sempre faço as alterações propostas pelos outros olhares e mesmo assim ainda fico pensando se está bom, adequado, etc.

Ela também trata de outro ponto bastante importante para a revisão de textos, que é o afastamento do texto, o que nos possibilita entender isso como uma técnica dela, para que mais tarde possa ver o texto com outros olhos ou, até mesmo, assumir nesse momento o papel de leitor do próprio texto, e observar o que está dificultando a compreensão das ideias apresentadas. Assim, ela assume um movimento exotópico em relação ao próprio texto, posicionando-se como um outro, conforme explica Oliveira (2007, p. 61) :

[...] o eu deve se identificar com o outro, ver e conhecer aquilo que ele está experimentando, colocar-se no lugar do outro e, depois de retornar ao seu lugar, dar-lhe acabamento com o seu excedente de visão em relação a ele, com o distanciamento permitido pela sua posição de fora, pois só desse modo pode ajudá-lo.

Quando perguntamos quais os outros aspectos que a preocupavam em relação à sua produção de textos, além dos aspectos estruturais e discursivos do texto, ela nos apresenta as seguintes inquietações:

Destaco que procuro verificar se atendi as normas estipuladas pelos organizadores da revista ou pelos organizadores dos anais do evento. Procuro observar: solicita resumo em português e língua estrangeira? O que inseri nesse resumo? Observei o número de caracteres pedidos? E as palavras chave? A introdução deixa clara minha proposta de produção? Casei teoria e análise? A conclusão responde aos objetivos? Usei o número de páginas que tenho direito para a produção ou ultrapassei?

Como se pode observar pelos pontos apresentados pela autora, ela se preocupa com aspectos fundamentais na construção de um artigo científico, quais sejam: normas estipuladas pelos organizadores da revista ou pelos organizadores dos anais do evento, caracteres do resumo, se o resumo é solicitado em português e língua estrangeira, número de páginas, os quais se restringem aos aspectos composicionais, e clareza de sua proposta, relação teoria e prática, resposta aos objetivos propostos, os quais remetem aos aspectos discursivos do texto. Essas preocupações da autora demonstram que ela tem experiência na escritura de artigos científicos, o que é comprovado no próprio texto, do qual seguem alguns exemplos no item abaixo.

3. Análise dialógica do gênero artigo

Conforme exposto, o artigo científico é aqui considerado como um importante gênero da esfera acadêmico-científica, consistindo, assim como o livro, em “um ato de fala impresso [...] objeto de discussões ativas sob a forma de diálogo [...] para ser apreendido de maneira ativa, para ser estudado a fundo, comentado e criticado” (BAKHTIN, VOLOCHINOV, 1990, p. 123). Como todo gênero discursivo, é um tipo relativamente estável de enunciados, cujas peculiaridades constitutivas são, de acordo com Bakhtin (2003): a alternância dos sujeitos do discurso, que compõe o contexto do enunciado, transformando-o numa massa compacta rigorosamente circunscrita com relação a outros enunciados a ele vinculados; o acabamento do enunciado, que condiciona uma atitude responsiva ativa nos outros parceiros da comunicação; a relação do enunciado com o próprio autor e com outros autores, sendo o autor que se responsabiliza por imprimir um estilo (determinado pela escolha nunca neutra dos recursos linguísticos), por abordar um conteúdo temático, por dar uma construção composicional ao enunciado; a orientação para o destinatário, que é determinado pela área da atividade humana e da vida cotidiana a que se reporta um dado enunciado, no caso, um artigo científico.

Dentre essas peculiaridades constitutivas do enunciado, a noção de acabamento é fundamental para a compreensão do princípio dialógico da linguagem, para o entendimento dos discursos que circulam nas diversas esferas da atividade humana, porque está relacionada à abertura para o outro e não ao fechamento em uma estrutura, como ocorre na sentença, conforme esclarece Oliveira (2001, p. 166):

[...] o acabamento é responsável por todas as operações do ‘querer-dizer’ do locutor, pelas relações deste mesmo enunciado com seu tema, com seu próprio enunciador, com seu destinatário, e com o contexto de produção do enunciado. É o colocar em funcionamento o

princípio de que o signo verbal emerge, varia, e dirige-se para o outro, determinando assim as escolhas das estratégias enunciativas.

Nos trechos a seguir, extraídos do artigo produzido pela participante da pesquisa, a exemplo de outros excertos desse artigo em análise, podemos observar que estão presentes as peculiaridades acima descritas, as quais o configuram como um gênero discursivo:

Acredito que as reflexões postas, em caráter introdutório, servem como uma orientação para aqueles que buscam delinear um projeto de pesquisa. Assim, com os que tiverem oportunidade de partilhar essa leitura comigo, digo-lhes que ao começar essa produção senti-me, conforme Costa (2007), no meio de uma encruzilhada, mergulhando, cada vez mais, na pesquisa e a única certeza que tinha era a de que de fato não sabia aonde ela chegaria ou até mesmo aonde ela me conduziria. Contudo, fiz e sugiro “não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas” (DELEUZE, 1992, p. 220). Essas são pretensões importantes a quem quer enveredar pelo mundo da pesquisa.

Assim, a Tese por mim defendida **foi [é]** de que as identidades se constituem por meio de posições e práticas que, em dados momentos, se intersectam e em outros são antagônicos. Ou seja, “as identidades são pontos de apego temporário às posições de sujeito” (HALL, 2000, p. 112) e estão relacionadas não ao que o sujeito é, mas **o [ao]** que ele se torna, elas se constituem **de [em]** como eles são representados e como essa representação influencia na forma de se retratarem.

Dessa forma, a autora resume nesses trechos o que propõe em seu artigo, atendendo o seguinte objetivo:

[...] descrever o surgimento da história de uma pesquisa. Por meio dele, pesquisadores iniciantes terão a oportunidade de observar conflitos, dificuldades e algumas das possíveis idas e vindas de uma pesquisadora na busca pela definição de um objeto de estudo, além dos embates vivenciados para se desvencilhar de uma trajetória anterior e enveredar por outros campos teóricos, outras perspectivas de análise diferentes das que se cristalizavam em seu processo identitário.

Conforme vimos pelos depoimentos da autora na entrevista *online* e pelos trechos transcritos, ela constrói o texto de acordo com o que se espera do gênero artigo científico, o que continua ao longo do artigo, em relação aos aspectos composicionais: quanto ao conteúdo temático (tema de relevância e de acordo com a área de conhecimento), à forma composicional (normas determinadas pela revista ou anais de evento) e ao estilo, a exemplo do uso da primeira pessoa (Tese por mim defendida, fiz etc.) do início ao fim do artigo. Em relação aos aspectos discursivos, ou seja, às relações dialógicas, o que caracteriza o artigo como enunciado, ela orienta seus dizeres para um determinado destinatário (aqueles que buscam delinear um projeto de pesquisa); alterna os sujeitos em diálogo, ora ela (acredito, digo-lhes), ora outros autores citados (Costa, DELEUZE); procura dar acabamento ao enunciado, ao instigar uma atitude responsiva de seus leitores (sugiro, a quem quer enveredar pelo mundo da pesquisa), o que faz com que se manifestem no texto sua voz e as vozes alheias, ou seja, de outros autores, no

caso, em consonância com o que ela defende. Todas essas observações nos possibilitam caracterizá-la, portanto, como uma experiente autora na escritura de artigos científicos.

Ressalvamos que as palavras destacadas em vermelho (para serem substituídas pelas palavras em destaque azul) são ilustrativas de como quando o texto atende de forma concatenada os aspectos acima descritos, da ordem do discurso, os da ordem gramatical são mais simples de ser solucionados. Daí por que a nossa proposta dialógica de revisão sugere como ponto de partida a análise dos aspectos discursivos e, de chegada, os aspectos estruturais e gramaticais (OLIVEIRA, 2010). Nessa perspectiva, temos de nos preocupar com problemas tanto da língua enquanto sistema quanto das escolhas estilísticas e discursivas que refletem a posição (ambiente, horizonte) do autor. Para tanto, é necessário levar em consideração que

a própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante é um ato estilístico [...] só uma concepção mais profunda da natureza do enunciado e das peculiaridades dos gêneros discursivos [...] permite compreender de modo mais correto também a natureza das unidades da língua enquanto sistema” (BAKHTIN, 2003, p. 269).

Tal concepção dialógica, como vimos ao longo deste artigo, ao propor o enunciado como elemento de análise, aponta como determinantes para isso, de um lado, a situação social imediata, relacionada com os interlocutores e sua constituição como sujeitos sociais, e, de outro, o horizonte social da época, o conjunto de valores que permeiam o signo linguístico, e que são próprios de um dado período, classe ou grupo social. Desse modo, são levadas em conta as interações verbais relacionadas com suas condições concretas de produção, para, em seguida, serem observadas as relações entre o autor e seu enunciado, com atenção especial para o tratamento exaustivo do objeto do sentido, o querer dizer do autor e a escolha das formas de manifestação desse dizer. Após a análise desses dois níveis, é que o enunciado é submetido à análise de sua composição gramatical e estilística referentes aos elementos internos da língua.

É de acordo com essa proposta que acreditamos que o autor precisa trabalhar qualquer texto, partindo do polo do enunciado para depois analisar o polo da oração, o que implica a consideração da esfera de atividade em que o texto está inserido, a relação autor-destinatário, os modos das citações do discurso de outrem e as relações estabelecidas entre elas, além da ordenação sintático-semântica e as escolhas lexicais do autor que determinam a forma do conteúdo da obra, ou seja, a construção arquitetônica que harmoniza o todo do texto, considerando as partes que o compõem, conforme explica tão bem Sobral (2005, p. 105, grifos do autor), o “*todo harmônico*, a partir de uma articulação de partes constituintes que as dota de uma unidade de sentido, em vez de limitar-se a ligá-las ou justapô-las mecanicamente”.

Conclusão

O presente artigo procurou demonstrar que a prática de revisão sob uma perspectiva dialógica é uma atividade fundamental no processo de escritura de artigos científicos. Isso porque, ao se produzir um gênero escrito em um mundo em transformação, há necessidade de se amparar em uma concepção dialógica de linguagem, uma vez que, como diz Bakhtin (2003, p. 279), as obras escritas, sejam científicas, sejam artísticas, apesar de suas diferenças com as réplicas do diálogo cotidiano, são intrinsecamente dialógicas, ou seja, “[...] também estão nitidamente delimitadas pela alternância dos sujeitos do discurso. [...] A obra, como a réplica do diálogo, está disposta para a resposta do outro (dos outros), para a sua ativa

compreensão responsiva, que pode assumir diferentes formas: influência educativa sobre os leitores, sobre suas convicções, respostas críticas, influência sobre seguidores e continuadores”.

Considerando isso, os artigos científicos são concebidos, portanto, como práticas discursivas, uma vez que a atividade neles envolvida de revisar aqui focalizada remete para processos sócio-históricos de construção de sentido, o qual só pode ocorrer se se considerar a linguagem como processo de significação, portadora de valores. Isso implica levar em conta, além dos aspectos composicionais do texto, os mecanismos discursivos utilizados pelos autores no processo de construção e revisão textual, seja com o reconhecimento dos pontos de vista defendidos por outros autores, seja com a antecipação das vozes alheias, o que provoca uma relação dialógica entre as outras vozes presentes no texto. Desse modo, o autor pode reconhecer que as atividades de produção e revisão do texto escrito podem ser vistas sob outra dimensão. Mais especificamente no artigo científico, é fundamental essa consciência, pois o processo de escritura e revisão desse gênero não se resume à análise das relações lógicas que se estabelecem no limite da palavra ou oração isolada mas também das relações dialógicas.

Em conclusão, acreditamos que esta pesquisa pode colaborar com autores que se sentem inseguros na produção de artigos científicos, a exemplo daqueles que não se dispuseram a participar da pesquisa, pois como explica Bakhtin (2003), mesmo muitas pessoas que conhecem bem uma língua não se sentem seguras em determinadas esferas da comunicação, e isso ocorre porque elas não dominam as formas específicas de determinado gênero. No caso do artigo científico, com a teoria dos gêneros do discurso, é possível compreendermos que esse gênero, a exemplo de outros gêneros secundários, pode ser entendido como um enunciado que apresenta determinados temas, composições e maneiras de dizê-los, em uma dinâmica que envolve tanto os modos de produção quanto os de recepção e circulação de texto, o que implica a noção de diálogo em sentido amplo. E isso pode ser mais bem desenvolvido com o autor assumindo o papel de revisor do próprio texto, entendendo-se revisão como uma atividade de rever e retrabalhar um texto quantas vezes se fizerem necessárias, de acordo com as orientações da revista ou evento a quem se destina o artigo, sem desprezar as escolhas estilísticas do autor.

Referências

- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judite; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais*. São Paulo: Pioneira, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail/VOLOCHINOV, Valentin N. [1929]. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail [1979]. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAZERMAN, Charles. *Gênero, agência e escrita*. São Paulo: Cortez, 2006.
- FARACO, Carlos Alberto. Pesquisa aplicada em linguagem: alguns desafios para o novo milênio. *DELTA*, São Paulo, v. 17, Especial, p. 1-9, 2001.
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. In: FREITAS, M. T.; SOUZA, S.; KRAMER, S. (Org.) *Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2003.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Oficina de linguística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino-aprendizagem de línguas*. Campinas: Mercado das letras, 1996.

- OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de. Relações dialógicas, vozes, instauração do outro e o ensino da produção textual. *Boletim da ABRALIN*, 2001, v. 26.
- OLIVEIRA, Risoleide Rosa Freire de. O papel mediador do revisor de textos: dos aspectos discursivos aos aspectos notacionais. *XXI Jornada Nacional de Estudos Linguísticos*. João Pessoa, 2006, p. 2483-2492.
- OLIVEIRA, Risoleide Rosa Freire de. *Um olhar dialógico sobre a atividade de revisão de textos escritos: entrelaçando dizeres e fazeres*. 172 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – UFRN, Natal, 2007.
- OLIVEIRA, Risoleide Rosa Freire de. Práticas dialógicas na atividade de revisão textual: a relação entre revisor e autor. *I Encontro de Pesquisa em Assu*. Natal: Edufrn, 2009, p. 1-15.
- OLIVEIRA, Risoleide Rosa Freire de. *Revisão de textos: da prática à teoria*. Natal: EDUFRN, 2010.
- SOBRAL, Adail. Ético e estético. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 103-121.